

Reflexão sobre a Inclusão de Bitcoin nas Reservas Corporativas

Introdução

O Bitcoin (BTC) consolidou-se como um ativo financeiro de relevo, ultrapassando a sua conceção original de moeda digital descentralizada para se tornar uma componente estratégica nas reservas de tesouraria de empresas em todo o mundo. Este fenómeno reflete uma mudança significativa na gestão financeira corporativa, impulsionada pela perceção do Bitcoin como reserva de valor, proteção contra a inflação e instrumento de diversificação. Este documento analisa as vantagens, benefícios e mais-valias da inclusão de Bitcoin nas folhas de balanço, apresenta dados estatísticos sobre aquisições recentes com base exclusiva em informações do BitcoinTreasuries.com, oferece um exemplo prático de uma empresa (MicroStrategy) que investiu em Bitcoin em 2020 e avalia os resultados em 2025, e explora como o Bitcoin pode ser utilizado como uma forma inovadora de financiamento empresarial.

A integração de Bitcoin nas reservas corporativas oferece vantagens estratégicas que vão além da especulação financeira, posicionando as empresas para capitalizar as suas características únicas. A principal mais-valia reside na sua oferta limitada de 21 milhões de unidades, conferindo-lhe propriedades deflacionárias. Num contexto de políticas monetárias expansionistas, onde moedas fiduciárias enfrentam pressões inflacionárias, o Bitcoin atua como uma proteção contra a desvalorização monetária. Esta característica é especialmente relevante para empresas que operam em mercados com instabilidade monetária ou em setores expostos a riscos macroeconómicos, mas também para todas as outras do mais variados setores económicos. Ao alocar uma percentagem do seu fluxo de caixa e excedentes em Bitcoin, as empresas podem preservar o valor real dos seus ativos a longo prazo.

Adicionalmente, o Bitcoin contribui para a diversificação estratégica do portfólio de reservas. Tradicionalmente, as empresas mantêm reservas em ativos como dinheiro, obrigações ou ouro, que, embora estáveis, oferecem retornos limitados em ambientes de taxas de juro reduzidas. O Bitcoin, apesar da sua volatilidade, apresenta uma baixa correlação com ativos tradicionais, reduzindo o risco sistémico. Estudos institucionais, como os conduzidos pela Fidelity Investments (2024), sugerem que ativos digitais como o Bitcoin podem melhorar a resiliência de carteiras face a

incertezas económicas globais, justificando a sua inclusão em estratégias de tesouraria.

A eficiência operacional é outro benefício significativo. Operando numa rede descentralizada ponto a ponto, o Bitcoin elimina intermediários financeiros, reduzindo custos de transação, particularmente em operações transfronteiriças. Para empresas com cadeias de fornecimento globais, esta característica traduz-se em maior rapidez e economia em comparação com sistemas bancários tradicionais. A tecnologia blockchain subjacente garante transparência e segurança, mitigando riscos de fraude e reforçando a confiança nas transações.

Do ponto de vista estratégico, a adoção de Bitcoin pode fortalecer a imagem de inovação de uma empresa, atraindo investidores e consumidores que valorizam a modernização financeira. Empresas que integram ativos digitais são frequentemente percebidas como pioneiras, capazes de antecipar tendências disruptivas, o que pode gerar vantagens competitivas em setores tecnológicos ou financeiros. Esta perceção é amplificada pela crescente aceitação institucional do Bitcoin, evidenciada pela aprovação de ETFs de Bitcoin à vista nos EUA em 2024.

Contudo, a inclusão de Bitcoin apresenta desafios. A volatilidade do preço, que pode variar significativamente em curtos períodos, exige uma gestão financeira rigorosa. Além disso, a incerteza regulatória e fiscal em várias jurisdições pode impactar a viabilidade a longo prazo. Apesar destes riscos, o amadurecimento do mercado cripto e os avanços regulatórios estão a reduzir estas barreiras, tornando o Bitcoin uma opção cada vez mais atrativa.

Dados Estatísticos sobre Aquisições de Bitcoin por Empresas

Com base exclusivamente nos dados disponíveis em [BitcoinTreasuries.net](https://bitcoin-treasures.net), a adoção de Bitcoin como ativo de reserva por empresas tem crescido significativamente até julho de 2025. Segundo o site, as empresas de capital aberto detêm aproximadamente 4,04% do fornecimento total de 21 milhões de BTC, equivalente a cerca de 849570 BTC, se a estas juntarmos os 290883 de BTC detidos por empresas privadas a percentagem do total de Bitcoin eleva-se para mais de 5,4%.

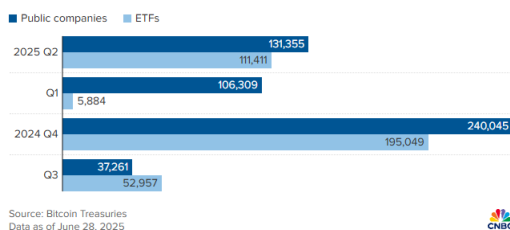
A MicroStrategy lidera o ranking, com 597.325 BTC em suas reservas, avaliados em mais de 65 mil milhões de dólares a preços de mercado de julho de 2025. Esta posição representa um aumento significativo face aos 38.250 BTC obtidos pela empresa em agosto de 2020 (na sua primeira aquisição), refletindo uma estratégia agressiva de acumulação.

Outras empresas de destaque incluem a MARA Holdings, com 49.678 BTC, e a Metaplanet, frequentemente referida como a "MicroStrategy da Ásia", com 13.350 BTC, após a aquisição de 1.234 BTC a um preço médio de 107.557 USD. A GameStop, ocupando a 14.ª posição, detém 4.710 BTC, enquanto a Tesla mantém 11509 BTC. A Galaxy Digital Holdings possui 12.830 BTC e a Coinbase detém 9.267 BTC, equivalentes a cerca de 1000 milhões de dólares a preços atuais.

No que diz respeito a aquisições recentes, a [BitcoinTreasuries.com](https://bitcoin-treasures.com) reporta um aumento significativo no segundo trimestre de 2025, com empresas de capital aberto a adquirirem

cerca de 131.000 BTC, um incremento de 18% nas suas reservas, muito superior ao valor adquiridos por emissoras de ETFs que apresentaram um aumento de 8%, ou cerca de 111.000 BTC, no mesmo período.

Net bitcoin flows for public companies and ETFs
Quarterly change in bitcoin | Q3 2024–Q2 2025



Estes dados refletem uma tendência clara:

empresas de diversos setores, de tecnologia a retalho, estão a integrar e a incluir o Bitcoin nas suas estratégias financeiras, impulsionadas pela sua perceção como reserva de valor e proteção contra a incerteza económica.

A concentração de aquisições em 2025, particularmente no segundo trimestre, sugere um momento de inflexão na adoção empresarial, apoiado pelo amadurecimento das infraestruturas de custódia e pela valorização do Bitcoin, que superou os 108.000 USD neste mês em julho de 2025.

Exemplo Prático: MicroStrategy (2020-2025)

A MicroStrategy é um caso exemplar da adoção de Bitcoin como ativo de reserva. Em agosto de 2020, a empresa adquiriu 21.454 BTC por 250 milhões de dólares,

seguido-se uma compra de 16796 BTC em setembro de 2020, totalizando 38.250 BTC por 425 milhões de dólares. Estas aquisições, lideradas pelo presidente executivo Michael Saylor, foram motivadas pela visão do Bitcoin como uma proteção contra a inflação e uma alternativa superior ao caixa, que rendia retornos insignificantes.

Até julho de 2025, a MicroStrategy detinha 597.325 BTC, avaliados em aproximadamente 64 mil milhões de dólares, com base no preço de 108.176,56 USD por BTC. Este crescimento reflete não apenas a valorização do Bitcoin, que passou de cerca de 11.900 USD em 2020 para mais de 108.000 USD em 2025, mas também a estratégia agressiva da empresa, que incluiu emissões de ações e dívida convertível para financiar novas aquisições. Comparado com o investimento inicial de 425 milhões de dólares em setembro de 2020, o retorno em 2025 representa uma valorização superior a 15.000%, destacando o potencial de ganhos substanciais, apesar da volatilidade.

No entanto, esta estratégia enfrentou desafios. Entre 2020 e 2022, a MicroStrategy registou perdas contabilísticas significativas devido às flutuações do preço do Bitcoin, com prejuízos acumulados de cerca de 901,3 milhões de dólares até 2021. Apesar disso, a empresa manteve a sua estratégia de "hodling", beneficiando da recuperação do mercado cripto. O sucesso da MicroStrategy inspirou outras empresas a adotarem estratégias semelhantes, consolidando o Bitcoin como uma opção viável de tesouraria.

Bitcoin como Forma de Financiamento Empresarial

O Bitcoin oferece oportunidades inovadoras para o financiamento empresarial, complementando métodos tradicionais como emissões de ações ou dívida. Uma abordagem promissora é a emissão de notas conversíveis lastreadas em Bitcoin, que permitem às empresas captar capital rapidamente, aproveitando a volatilidade do Bitcoin como um fator atrativo para investidores. A MicroStrategy, por exemplo, utilizou notas conversíveis para financiar aquisições adicionais de BTC, alavancando o valor dos seus ativos digitais para expandir a sua capacidade de investimento.

Outra estratégia é a utilização de Bitcoin como garantia para empréstimos. Empresas com reservas significativas de BTC podem usá-las como colateral, obtendo liquidez sem vender os ativos. Este método é vantajoso em períodos de aperto de crédito, permitindo às empresas manterem a sua exposição ao Bitcoin enquanto acedem a capital para operações ou investimentos. A natureza descentralizada do Bitcoin também facilita o financiamento em mercados internacionais, especialmente em regiões com restrições cambiais, reduzindo custos e aumentando a eficiência em transações transfronteiriças.

No entanto, o financiamento com Bitcoin apresenta riscos. A volatilidade do preço pode reduzir o valor da garantia em empréstimos, enquanto a incerteza regulatória e os desafios fiscais, como a classificação do Bitcoin como propriedade em algumas jurisdições, complicam a sua utilização. Apesar disso, o amadurecimento do mercado cripto e

a adoção de tecnologias de custódia seguras estão a facilitar a integração do Bitcoin em estratégias de financiamento, oferecendo às empresas uma alternativa inovadora para captar recursos.

Conclusão

A inclusão de Bitcoin nas reservas corporativas representa uma evolução estratégica na gestão financeira, oferecendo proteção contra a inflação, diversificação de portfólios, eficiência operacional e posicionamento como empresa inovadora. Dados da BitcoinTreasuries.com mostram que, até julho de 2025, empresas de capital aberto detêm 4,04% do fornecimento total de BTC, com a MicroStrategy liderando com 597.325 BTC, seguida por empresas como MARA Holdings, Metaplanet, GameStop, Tesla e Coinbase. O caso da MicroStrategy, com um investimento de 425 milhões de dólares em 2020 que atingiu mais de 60 mil milhões em 2025, ilustra o potencial de valorização, apesar dos riscos de volatilidade. Além disso, o Bitcoin oferece novas formas de financiamento, como notas conversíveis e garantias de empréstimos, embora exija uma gestão cuidadosa face a desafios regulatórios. À medida que o mercado cripto amadurece, o Bitcoin consolida-se como um ativo estratégico para empresas que buscam resiliência e inovação financeira.

Opinião pessoal

É com uma mistura de indignação e profundo pesar que constato a ausência de empresas portuguesas na lista do BitcoinTreasuries.net, um reflexo gritante do atraso estrutural que nos relega à periferia do progresso financeiro global. Num mundo onde o Bitcoin se afirma como o “ouro digital”, um ativo desinflacionário com potencial para redefinir as estratégias de tesouraria, Portugal permanece paralisado por uma literacia financeira deplorável, que insiste em rotular este ativo como uma fraude, ignorando o seu papel como reserva de valor num contexto de incerteza económica. Outrora, fomos uma nação de navegadores que, na era dos Descobrimentos, desbravou oceanos e estabeleceu rotas comerciais que fizeram do Real Português uma moeda de referência mundial, lastreada pela riqueza do ouro acumulado com visão e ousadia. Hoje, porém, a fiscalidade opressiva e uma regulação míope sufocam qualquer tentativa de inovação financeira, impedindo as nossas empresas de adotarem o Bitcoin como instrumento de resiliência e competitividade. Esta incapacidade de abraçar o futuro é uma traição ao nosso legado de pioneirismo, uma vergonha que um povo com tal história deveria sentir ao ver-se reduzido a uma economia de subsistência, dependente do turismo e alheia às revoluções financeiras do século XXI.

Nos últimos 50 anos de democracia, as políticas fiscais implementadas pelos sucessivos governos portugueses têm sido uma afronta ao espírito empreendedor, tratando os empresários como alvos de uma máquina tributária insaciável, desenhada para extrair recursos em vez de fomentar a inovação. Esta abordagem predatória, aliada a uma burocracia asfixiante, transformou Portugal numa nação economicamente fragilizada, incapaz de se libertar da dependência de subsídios europeus e de um modelo económico centrado em setores de

baixo valor agregado, como o turismo. No passado, o ouro que acumulávamos nas caravelas simbolizava a nossa capacidade de projetar poder e influência global; hoje, a nossa relutância em adotar ativos como o Bitcoin, que poderiam revitalizar as reservas corporativas, reflete uma mentalidade provinciana que renega o nosso potencial. É profundamente humilhante que, enquanto empresas globais como a MicroStrategy, Metaplanet, Tesla, Vanadi ou Relai acumulam fortunas com estratégias visionárias, Portugal permaneça preso a uma visão retrógrada, onde a desconfiança e a ignorância financeira dominam, perpetuando a estagnação e a subserviência económica.

Este atraso não é apenas financeiro, mas cultural e histórico, uma negação da grandeza que outrora nos definiu. Durante os Descobrimentos, Portugal foi o epicentro da inovação global, liderando a exploração marítima e estabelecendo um império comercial que fez do Real Português uma moeda de reserva aceite em portos distantes, de Goa a Macau.

Essa era de audácia e visão estratégica contrasta dolorosamente com a realidade atual, onde a nossa economia, debilitada por décadas de políticas fiscais punitivas e uma governação que privilegia o controlo estatal sobre o dinamismo empresarial, se rende à mediocridade. A incapacidade de integrar o Bitcoin nas estratégias corporativas é um sintoma desta decadência, um lembrete cruel de como desperdiçamos o nosso legado em troca de uma dependência humilhante de fundos externos e de uma economia turística que, embora relevante, não reflete a ambição de um povo que já foi sinónimo de conquista e inovação. É uma vergonha que nos deve pesar na alma, pois, ao renunciarmos ao potencial transformador do Bitcoin, continuamos a condenar Portugal a um futuro de irrelevância financeira, longe da glória que um dia nos pertenceu.